

Insurgência Transdisciplinar – Poéticas de Língua Portuguesa no Século XXI

Mauricio Salles Vasconcelos
(USP)

Na análise de um conjunto de poetas de língua portuguesa, com obras publicadas entre 2000-2013, observável é a problematização do livro e da literatura, assim como da autoria, em referendando a um senso reiterado de historicidade. A recorrência a uma situação de época se faz nítida, no mesmo movimento em que as nomeações sobre tempo, lugar, espaço de escrita e destinação/endereçamento do trabalho de arte – tendo como eixo a atividade poética e a figura do poeta – variam. Para Ricardo Domeneck, por exemplo, a ênfase recai na *Composição como Contexto* (título de um importante texto de *A Cadela sem Logos*). Já na longa série *Exemplos*, escrita ao longo de décadas, enfeixada em um único volume (vinda a lume em 2000), o cabo-verdiano João Vário (pseudônimo de João Manuel Varela) dispõe de um direcionamento de corte genealógico para amplas conjunções epocais imanentes ao seu projeto em processo, inerente ao próprio correr – e fazer – do tempo.

A leitura de alguns autores com obras estreadas no presente século/milênio e, também, aqueles com reunião de trabalho poético editada no citado período fazem delinear o sentido de que as autorias se recortam, se reconfiguram, a partir de uma precisa conjuntura, dentro de um campo de implicações criadoras marcadamente contemporâneo. Através do vínculo que se forma entre conjuntura de época e conjunções tópicas, provindas de um heterodoxo repertório crítico e cognitivo, várias produções vêm se situar.

Crítica e cognição de uma época recente deixam-se frisar no contato com alguns dos poetas em atividade, alguns surgidos em décadas anteriores, mas em plena culminação de um trabalho, de uma súpula criativa no presente, e outros em formação recente de conjunto/composição – caso não se queira incidir na definição de obra. Definição para muitos tributária de uma organicidade culturalista contrária à desbravação de fronteiras, atrelada ao lugar demarcado de autor/autoria no que envolve uma inscrição insertiva, previamente projetada. É o que se pode ler em diferentes perspectivas de análise acerca de uma literatura em crise, entre mortes e reaparições a partir do século xx de Blanchot a Octavio Paz, e no solo já de um presente tempo milenar (sob a óptica de estudiosas como Avital Ronell e Silvínia Rodrigues Lopes).

ESTREIAS, “EXCRIÇÕES”

Um autor como Ricardo Domeneck vem se firmando como um dos mais importantes surgidos nas primeiras décadas dos anos 2000, pelo interesse manifestado, nos seus ensaios e livros de poesia, em transformar um estado inconsistente e impreciso de coisas por escrito. Não ao acaso, aponta “a aparente cristalização entre nós de que vivemos num período em que todas as

formas históricas são viáveis ao poeta [...] o que vem empacotado como “pluralidade de vozes”, “polifonia de possibilidades”¹.

Em “Ideologia da Percepção ou Algumas Considerações sobre a Poesia Contemporânea no Brasil”, o autor de *A Cadela sem Logos* submete a uma análise minuciosa o que chama de “inclusionismo libertário”, trazendo em seu “tamanho ecumenismo crítico”² a luta por hegemonia, a conquista de espaço na imprensa. De acordo com seu ensaio, “multiplicam-se as contextualizações de procedimentos de vários poetas”³, sem que se promova o entendimento dos processos culturais e históricos, nos quais emergiram nomes-matrizes hiper-referendados na atualidade através de uma reciclagem destituída do estudo dos “contextos e problemas específicos dos nossos predecessores”⁴.

Em contraposição ao que denomina “atrofia do contexto”⁵, poderá haver a ancoragem e a decolagem criadora a partir da compreensão de nosso presente, de uma estimulante e plural conjuntura de época. Com base em Auerbach, o poeta-crítico em feição renovada, que é Domeneck, sublinha um ponto de transformação inevitável do que já se sedimentou em prática desmaterializada, desvitalizada, em reverência ao “pós-moderno”: “não há qualquer mundo fixo como pano de fundo, mas um mundo que se reproduz constantemente a partir das mais diversas forças”⁶.

Por enfatizar um campo de forças historicamente configurado tendo em sua mira a constelação de signos que desenhou uma tradição recente, necessitada agora de reatualização, é que o au-

1. Ricardo Domeneck, “Ideologia da Percepção ou Algumas Considerações sobre a Poesia Contemporânea no Brasil”, *Inimigo Rumor*, n. 18, Rio de Janeiro/São Paulo, Viveiros de Castro/Cosac Naify, 2ª sem. 2005 / 1ª sem. 2006, p. 179.

2. *Idem, ibidem.*

3. *Idem*, p. 180.

4. *Idem*, p. 181.

5. *Idem, ibidem.*

6. *Idem*, p. 182.

tor paulista define o tônus de uma criação sintonizada com a vida e a arte do presente. O que é frisado em atenção à “especificidade dos contextos ao longo dos séculos”⁷.

Imponente é o modo como Domeneck traça seu intuito mapeador não apenas no domínio da crítica, mas no que se lê em seu projeto, em especial no núcleo de textos integrantes de *A Cadela sem Logos* intitulado “Poema Começando Quando” e na prosa poemático-ensaística “Composição como Contexto”, assinalada por um dinamismo telegráfico, movida por um sentido vivo, aleatoriamente ativo, de anotação. Na linha do verso ou no encadeamento enumerativo da “escrita do poema-em-série”⁸, pode-se apreender um andamento investigativo enquanto “medita e performa as relações identidade/realidade/acaso/atenção neste contexto ao acaso da atenção”⁹.

Efetiva-se, assim, uma *excrição*, tal como formula J.-L. Nancy a escrita apropriadora, sob o influxo do *senso do mundo* e do corte cartográfico da literatura entre as inscrições já sedimentadas, em vigor; traço de proveniência, de contextualidade, e, certamente, de expropriação, centrado na *ressituação* dos signos existentes, em orbitação, como fator fundante do ato de escrever.

A produção de Domeneck incita a convocação ao pensamento e à criação feita pelo filósofo português Sousa Dias quando detecta a mudança no horizonte da produção, da técnica e da arte – nos modos de fazer, existir e pensar. E deflagra no cotidiano, no plano mais imediato da vida, a mediatização generalizada,

7. *Idem*, p. 204.

8. Ricardo Domeneck, *A Cadela sem Logos*, Rio de Janeiro/São Paulo, 7 Letras/Cosac Naify, 2007, p. 119.

9. *Idem*, *ibidem*.

“as palavras de ordem da nova ideologia dominante”¹⁰, centradas no consenso abstrato, universal, de um construto englobante em nome de uma civilização tecnocientífica. Na mesma gradação, os correlatos não lineares de uma comunidade em compartilhamento, timbrada por diferenciais e simultaneidades contrastivas, em tempo real, no contraplano da homogeneização *on time/on-line*, pulsam como dados em construção, numa propulsão combinatória.

Algo se historicizou no aparentemente infinito tempo de não história (ou pós-história) em seu cerramento homogeneizador de horizontes do mundo. Justo a mundialização com seu traço planejado, eminentemente econômico, dá abertura, à revelia dos ditames macrológicos segundo a dinâmica das fronteiras, para estratégias tanto criadoras quanto políticas.

Despontam dimensões sincrônicas com a desmesura multitudinal e relacional das trocas culturais não determinadas, não estabelecidas por agendas de acoplamento à funcionalidade do tecnoglobal capitalismo. Emergem, muito ao contrário, dentro de uma paradoxal contralógica à sedentarização maquinal do mundo em rede, os potenciais ativados do viver junto em diferentes latitudes, numa acepção planetária. Sob uma pluralidade de referências no que envolve línguas/linguagens, áreas do conhecimento, mediação e informação, Sousa Dias observa que

É no *interior* da rede global que se formarão, se poderão formar, exterioridades, resistências, frentes de resistência. É aí que se poderá dar a composição de novos frentismos revolucionários heterogêneos como movimentos transversais de descomunicação ou comunidades eventuais articulantes de “comunicações” alternativas¹¹.

10. Sousa Dias, *Estética do Conceito. A Filosofia na Era da Comunicação*, Lisboa, Pé de Página, 1998, p. 5.

11. *Idem*, p. 12.

Algo mudou nas formas de escrita, no que se relaciona aos dispositivos de endereçamento, recepção e circulação. E, também, na gravitação perceptível em torno dos corpos e do ambiente que cerca os autores e os projetos autorais, empenhados num verdadeiro ativismo teórico-conceitual acerca do que vem a ser livro/literatura, nas duas últimas décadas.

Quanto mais se revela conhecedor do contexto e do *timing* formal da poesia, Domeneck desenha vertentes escriturais em outras séries, em outros planos conceptivos de arte, leitura e cultura. Munido da “bagagem do disk-jockey”¹² a que se refere Ana Cristina César, como *entourage* referencial e contextual da poesia do presente, da escrita na história, em seu importante “Carta de Paris”, o poeta brasileiro radicado na Alemanha, sobrevivendo como DJ naquele país, opera a máquina telemático-instrumental de dados e sons na captura de signos extensivos ao escrito de literatura.

Uma “heterarquia”, poderia dizer N. Katherine Hayles, percorre vários domínios do conhecimento e linguagens, sem prevalência de uma esfera sobre outra: sexualidade, ética, tecnologia, política e estética formam um tópica móvel, intercambiável, na formulação de seu contexto autoral. E assim o faz R. D., ao dar atualidade a uma modulação nomádica, experiencializada na dimensão do cotidiano mundializado. Algo reportável aos elos criados entre o espaço poemático eminentemente plástico-sonoro-conceptual e a música eletrônica, música dos mundos em constante inter-relação e combinação ao ritmo de sinais e culturas em trânsito pela face – superfície mais e mais visível – da terra e do tempo, em interfaces não apenas imateriais.

Se está chovendo enquanto caminho por uma rua da antiga Berlim Oriental e penso este início, quanto o caminho, a velocidade dos passos e o vento frio no rosto influenciam o ritmo desta oração?

12. Ana Cristina César, *Inéditos e Dispersos*, São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 81.

*Tudo o que é humano é alheio e não alheio. Da periferia ao centro. Tive que refazer o guarda-roupa, os livros, os discursos políticos com a entrada de mais um novo ano*¹³.

O espaço ocupado no centro econômico da Europa do euro, que é Berlim, compõe a escrita como mapa – numa coordenada geofísica, geopolítica. Por sua vez, o corpo em caminhada não se inscreve sem a pulsação de um *corpus* atravessado por subjetivação, tecnologia, comunitarismo e mundialidade, em cada faixa que irrompe, noite a noite, nos espaços de celebração simultânea, na vida paralela à máquina informacional.

Bem aponta Michel Gaillot os significados múltiplos contidos na cena *tecno*, compreendida como um laboratório artístico e político do presente. Diferentemente dos ritmos produtivos do trabalho e da acumulação racional/funcional, máquinas/tecnologias de som ganham um contorno de consagração entre a dança e o desempenho relacional do dispositivo digitalizado, com suas redes de arquivos potencializadas pelo que chamou Pál Pelbart de *sinergia coletiva*, de contexto de *sensorialidade alargada*¹⁴. Os escritos de Domeneck dão atenção à atualidade da literatura, não simplesmente esquadrinhada pela tecnificação globalizante. Ao contrário, lança-se à poeticidade do mundo, concebida pelo filósofo grego contemporâneo Kostas Axelos, inapartável da conjuntura proliferante, controversa, de signos em *tempo real*.

Em outro autor estreante nos anos 2000, Marcelo Ariel, nota-se a menção iterativa de uma escrita em rede – disposta em um incessante referencial de nomes, textos, citações sempre ressituidas na conjuntura do livro de poesia. Como pensa N. Katherine Hayles, grande estudiosa da literatura em tempos de

13. Ricardo Domeneck, “Ideologia da Percepção ou Algumas Considerações sobre a Poesia Contemporânea no Brasil”, *op. cit.*, p. 117.

14. Peter Pál Pelbart, *Vida Capital. Ensaio de Biopolítica*, São Paulo, Iluminuras, 2003, p. 29.

alta tecnologia, a ativação de tal procedimento por parte de Ariel – extensiva aos muitos *blogs* que edita, paralelamente, à publicação de seus “impressos” (diferentes volumes poemáticos) – deixa claro um engenho conjuntivo, conexo entre maquinismo e vida em tempo integral.

Há uma espécie de *documentação* indiscernível do uso dos arquivos telemáticos que opera o poeta de *Tratado dos Anjos Afogados*. Entranhado da memória da periferia – de Cubatão, onde nasceu, o polo petroquímico nacional conhecido mundialmente por sua alta taxa de poluição conjugada à sua problemática social –, o autor paulista dá testemunho das expansões formadas entre comunitarismo digital (ele tem dado consistência ao seu projeto poético a partir da *web*) e aquele despontado simultaneamente à plugagem virtual; um comunitarismo encaminhado para atuações bem precisas, tomadas pelo que há de múltiplo e coletivo no sentido comum de partilha e pertença a uma época. Uma outra autoria, então, se engendra a partir do *Tratado*, com todos os recursos em termos de saber, técnica e estratégias de escrita, de veiculação dos diferentes *designs*/desígnios de livro, experimentados, a um só tempo, por Marcelo Ariel nos enfrentamentos do *socius*.

EM CUBATÃO

num céu que não nos protege
contemplando a procissão dos falsos replicantes
sendo sugada pela interzona industrial
cercada de favelas
pétalas dessa flor do mal
ouvindo o sino de fogo de Rimbaud
(que aqui seria só mais um desempregado carregando o
pólen da morte
flor enorme e cósmica¹⁵)

15. Marcelo Ariel, *Tratado dos Anjos Afogados*, Carapicuíba, Letra Selvagem, 2008, p. 50.

ESTADO TRANSDISCIPLINAR

Um vínculo se cria com o que Félix Guattari concebe como transversalidade/transdisciplinaridade. Dimensão, por sinal, nada refratária à atividade literária, muito ao contrário ela é amadurecida pelo pensador de *As Três Ecologias*, através da leitura de Kafka (*Kafka: Por uma Literatura Menor; Máquina-Kafka*) – uma espécie de exemplo-limite da escrita no século xx, envolvendo os quadrantes vários por que passam seus textos, dos intrincamentos da economia às maquinações do desejo, do romance familiar aos estamentos burocráticos do poder, por um *só autor* – e de todos os outros (de Kleist a Gombrowicz, de Proust a W. S. Burroughs) analisados ao lado de Deleuze nos livros que elaboraram em parceria.

Quando frisa a indissociabilidade dos diversos estágios do campo social em relação aos domínios epistemológicos que os definem, Guattari deixa engatilhado o encadeamento entre o que se engaja e o que se enuncia, entre a atuação socialmente configurada e o agenciamento em esferas discursivas, cognitivas. Deixa, também, de modo produtor, uma trilha para o comparatismo contemporâneo em diversos âmbitos do conhecimento, o literário incluso.

Escrever, em toda sua atualidade criadora, potencializadora da intervenção em um preciso contexto, não se separa da abrangência de recursos propiciados por linguagens, universos de informação e diferentes planos do conhecimento. Tais dimensões se assinalam pela passagem, pelo atravessamento – enfatiza Guattari – em toda a extensão do campo social, considerado em suas diversificadas e complexas implicações de saber, poder e criação.

Marcelo Ariel funda sua poética através do elo com o local – polo máximo de desnaturação do ambiente e de atrito social – ao mesmo tempo que cria vínculos ainda não pensados entre máquina e vida imediata, entre globalidade e política cotidiana. Os

poemas de seu livro de estreia ressitua, ressignificam, a proposição até hoje inquietante concebida por Guattari, em um texto publicado no Brasil no ano de 1992, justo quando ele participou, no Rio de Janeiro, do importante e internacional evento Eco-92: “Fundamentos Ético-Políticos da Interdisciplinaridade”.

Seu pensamento acerca da potência interdisciplinar nas diferentes áreas do conhecimento – não apenas referente às Ciências Humanas – ganha com o passar do tempo uma estatura interferente, bastante operante para o âmbito da Literatura Comparada. Justo agora, com todos os contornos desse tempo que passa veloz, indeterminadamente, como se transcorresse infenso à poeticidade, às forças vivas do mundo e da história entre o desastre de todas as ordens (dos conglomerados econômicos ao meio ambiente) e a datação milenar. Politizar com abrangência de recursos. É o que move o itinerário dos escritos produzidos por Guattari em crescente interlocução com o tempo de agora.

“A afirmação de um novo paradigma de criação processual próximo à estética no domínio social”¹⁶ havia sido contemplada pelo esquizoanalista-cartógrafo das ciências humanas, por ocasião de seu momento interventivo nas discussões sobre Ecologia e Biosfera no Brasil, no início da década de 1990. Tudo o que pode ser detectado como transformação cultural, em sincronia não consensual com a dimensão axiológica alcançada pelo mapa geopolítico do mundo composto no andamento da tecnociência e dos fluxos desterritorializados do capital, obtém um perfil polivalente, atuante, na poética pensada e produzida por Marcelo Ariel.

Alinhando-se a uma enunciação dotada de múltiplos entrelaçamentos e endereçamentos, no momento em que integra, em seu

16. Félix Guattari, “Fundamentos Ético-Políticos da Interdisciplinaridade”, *Tempo Brasileiro*, n. 108, jan.-mar. 1992, p. 20. (Interdisciplinaridade)

plano de composição, ontologia e comunitarismo, ambiência e inventário cultural, a “cosmicidade de tudo” (título de um dos poemas) e o território, o *Tratado dos Anjos Afogados* faz convergência com os polos desdobrados por Guattari acerca da “transversalidade entre a ciência, o social, o estético e o político”¹⁷. Ao analisar as chamadas Humanidades e o meio ambiente, o pensador não corrobora apenas a inter-relação de domínios gnosiológicos. Amplia o sentido de valoração do bem social e a *posição do imaginário*¹⁸ em termos de uma pesquisa concentrada – como chega a propor no artigo citado – na reconfiguração constante de seu (dinâmico) objeto ambiental/cultural em pauta, cujo desafio se apresenta “como repensar a vida humana em termos de ecologia generalizada – ambiental, social e mental”¹⁹.

Embasada tanto nas formas de convivialidade comunitária quanto em um processo construtivista, tal pesquisa tem como horizonte a “criação de um polo cognitivo de singularização, em correspondência com a reinvenção permanente da democracia, nos diversos estágios do campo social”²⁰. Apreende-se, nesses termos, a súpula do que Guattari define como transdisciplinaridade. É buscada a dinâmica processual, potencializadora de um paradigma de investigação, de conhecimento, equivalente à ampliação das redes de sentido e relação propiciadas nos domínios da estética. Aliados ao estudo e à experimentação, indissociáveis dos diferentes campos do saber e da criação, os vínculos formados entre “o natural, o cósmico, o artificial e o maquinal”²¹ redefinem o plano de forças componente daquela *humanidade*

17. *Idem*, p. 23.

18. *Idem*, p. 20.

19. *Idem, ibidem*.

20. *Idem, ibidem*.

21. *Idem, ibidem*.

por excesso de que tratou o antropólogo Antonio Rafael Barbosa ao estudar as formações de socialidade e trabalho nas periferias brasileiras.

Próximo de Guattari se encontra Agamben quando estreita os traços enunciativos, performativos, das linguagens e variadas esferas do saber, com os integrantes mais diversificados de uma comunidade em gestação descontínua, alinear. Comunidade e linguagem criam uma nova moral, ampliadora de atributos e desempenhos, à altura do campo de forças que se compõe indetritachavelmente do direcionamento arquivístico, informacional, de toda uma época, apreendida por instâncias de enunciação. Comunidade que vem – não no horizonte teleológico das projeções coletivistas, fundamentadas num sistema constituído de palavras e coisas. Valoração dos corpos em fomentação e formação, inseparável de seu *corpus* – o capítulo “Auras”, de *A Comunidade que Vem*, bem os delinea.

É o que se assiste no complexo, nada consensual, quadrante de uma cultura da globalidade, adverso ao modelar, hegemônico desígnio de forças coletivas, transnacionalizadas que são, multiplicadas por referências, relações não dadas, em *advento* e *evento*. Por meio de diferentes poetas em atuação – e por outros já falecidos no correr dos últimos anos, mas disseminantes com suas obras totais em franca propagação e influência no que de mais inventivo se concebe para a literatura –, lançam-se os sinais e as marcações rítmicas do que se entende como dimensão evenemencial da arte, da política e da cultura. *Conhecimento* e *Acontecimento* tornam-se mais e mais interligados quando se notam os nove livros que formam *Exemplos*, de João Vário.

À leitura do poeta africano, o dimensionamento exemplar e contemporâneo de sua *obra total* – de acordo com o último tomo do conjunto, intitulado percucientemente *Exemplo Coevo* – torna

mais estrito o ofício da escrita como sondagem do passar pelo tempo. O instante de consagração poética se lê imediatamente como mapeamento. História de vida e genealogia do século em transcurso, na sua parte final, radical, obtêm de Vário uma formulação intrincada, indiscernível, complexamente instalada desde a perspectiva de investigação sobre o ano do nascimento do autor – 1937. A gênese da Segunda Grande Guerra, as propagações do nazifascismo, a deflagração gradativa da barbárie no plano da cultura compõem a matéria de seu texto no mesmo movimento em que o inventário das artes, um elenco de criadores, pensadores e cientistas, surgidos com suas produções no mesmo ano de 1937, fazem pontuar uma construção de abrangência maximal.

(Pois Maria, de seu nome, e Delgado, de seu apelido,
ela deu à luz em junho, e ao sétimo dia,
dia de São Roberto.

E chamou-se João ao menino.
Nenhum reino lhe foi posto sobre os ombros
e seria o Reno, esse periférico rio de Estrasburgo,
que o mediria, porque faltara a grande graça.
Mas andaria à volta desses países novos
como a abelha fabricando seu mel ou sua casta)

Tal durante esse verão, Eisenstein começava a escrever o
argumento]

de Alexandre Nevsky,
Teilhard de Chardin medita, a bordo do D'Artagnan, sobre
o Fenômeno]

Humano,
e Husserl adocece em Friburgo dessa doença que o vitimaria
o ano]

seguinte.

(Antes, havíamos tido notícias da viagem de Simone Weil
a Assise.)²²

Se há algo de sinfônico no modo como João Vário repertoria um momento decisivo da história do século xx, a partir do qual os desdobramentos da presente época ganham seus contornos mais definidores, observável é a concepção insurgente do tempo a radiar suas forças pretéritas. Irrrompem estas como dados presentificados, influentemente atuantes, num entrelaçamento irrefutável com as séries culturais (as mais diferentes artes; o conhecimento científico; o universo da religião e dos mitos, assim como os questionamentos e aporias da filosofia) que os enformam, desde então.

O andamento da escrita de *Exemplo Coevo* não se fixa como um painel adstrito a um período demarcado do último século. Ao contrário, abre-se com aquela vetorização de *emergência* que Agamben aponta na formulação de genealogia, segundo Foucault, capaz de reinventar o sentido da história, tendo como base o pensamento nietzschiano. Em *Signatura Rerum*, o filósofo sublinha o sentido de documentalidade, em sua perspectiva mais diversificada e plural, no entendimento da passagem, da duração e do testemunho, (o “sacramentado” em relação à temporalidade e ao dizer refigurado do que se apreendia nuclearmente como ser/tempo, em Heidegger). Uma ontologia concebida como dado alterno, suplementado na materialidade, se traceja no lastro performativo das enunciações que fazem o humano nas projeções de sua finitude e suas descontinuidades, enquanto é documentado e passa.

Munido de uma multiplicidade de materiais, documentos e notas heterogêneas colhidas em diversos domínios na concepção

do tempo em que ele nasce e se forma como homem e poeta, João Vário instrumentaliza modos de perceber, escrever, na história, numa compreensão atualizada de seu contexto, o que ocorre a partir de uma concepção que subsiste da amplificação de fontes e esferas cognitivas, estéticas e discursivas.

Toda uma época, em estado nascente, desponha e se reconfigura, redesenhando o tempo presente, num encontro multifocal (e multivocal, considerando-se o dado da dicção no poema) de temporalidades, entre muitos motivos que se realinham, vivificando a experiência-limite do homem e sua hora (poderia dizer Mário Faustino), os saberes que dizem e desbordam o humano sem pouso e nenhum imobilismo. Em *proveniência e emergência*, sinalizam-se o exemplar, o testemunhal, justamente no que toca o dado testamentário, juramental, de um legado em *Exemplo Coevo*. Esse livro está voltado para o decurso intermilenar – elaborado para tais declinação e diálogo – e o despontar de sua crescente significação, a contar do transcurso de uma história de vida (datada, referida em suas micro e macroinstâncias) e do poder de reunião alcançado por um volume de poesia (tomado aqui como documento de uma refigurada genealogia, montada pela dinâmica entre antes/depois/finitude/devir).

Sim, poderíamos ter vindo noutra época,
ter aquecido esse ventre noutra estação ou sob outro
inquerito,]

poderíamos ter trazido os gemidos
a outro solo ou outra tradição,
ah mas mostrai-nos aquele dentre nós que pode passar
um só sequer dos seus sentidos ou dos seus membros
para a famosa eira das distribuições inaugurais.
Se bebemos isto ou aquilo na pia
dos nossos maiores,
se a terra natal nos traz esse osso nobilíssimo

22. João Vário, *Exemplos. Livros 9. Exemplo Coevo*, Praia, Cabo Verde, Spleen, 2000, p. 26.

para erguer, decifrando o sexto signo,
o hábito colhido do nosso lado mais sagaz,
ninguém se agasta com a vinda do crepúsculo e às
confirmações precoces]²³

Assim é o tempo – multívoco, multifocalizado – em *emergência*, repercutindo entre muitos campos de criação e discursividade capazes de redesenhar ângulos e alinhamentos impensados, imbuídos da reapresentação (não de sua representação) do tempo e do ressurgimento de uma só/múltipla história de cada um – ao mesmo tempo, múltipla em seu singular vínculo com a vida em comum. A poética de João Vário se faz coeva das mais vivificadoras linhas de atuação das artes e do pensamento do presente milênio.

Sua existência como africano estabeleceu um diálogo com as premissas de Achille Mbembe quando o cientista político camaronês, conhecido mundialmente, põe ênfase nas dimensões mais amplas de seu continente, contribuindo para fazer emergir a África de um modo não segregado por dicotomias irresolvíveis e irremovíveis, sempre em pendência de sua formação colonial. A África se insurge como potência no pensamento de Mbembe e na poética de Vário. Bem além do prisma mantenedor dos traços binários, historicamente importantes para a libertação continental ante o jugo colonizador, mas hoje imobilizadores, limitados por uma lógica circular incapaz de desbravar as expansões/relações não deterministas e passadistas, Mbembe incita, de um modo simultaneamente criativo, autovalorativo e problematizador, o encontro da África consigo mesma na gradação de seus vínculos com a política do mundo globalizado.

Na busca de referenciais sustentados no que formula como *ética do próximo*²⁴, o pensador de *Pós-Colônia* descarta as já co-

23. *Idem*, p. 32.

24. Achille Mbembe, *De la post-colonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*, Paris, Karthala, 2000, pp. x-xi.

nhecidas quadraturas do rito parricida – o destronamento do colonizador ao infinito, presa de uma condição retrospectiva –, “a circulação generalizada da morte”²⁵ – nos termos de Mbembe –, em favor das condições do *viver junto*, do *fazer comunidade*, como estatuto ético incontornável da política da vida subjacente ao continente. Contrária, assim, o “dar a morte pela morte”, numa superação da “luta entre pai e filho” – quer dizer do elo entre colonizador e colonizado”, passando a se ocupar da “violência do irmão para com o irmão” e do “estatuto problemático da “irmã” e da “mãe” no seio da frátria”²⁶.

Mbembe se ocupa da emergência (numa forte sintonia com Foucault e Agamben) do presente como fração não conhecida, não vivida, em atenção ao modo peculiar como se processam na África as *durações autóctones*²⁷. Compostas de camadas e coordenadas históricas as mais diferentes, relativas a uma *identidade crispada*²⁸, feita de projeções externas e pulsações imemoriais, tais durações correspondem ao vínculo intenso que se cria entre subjetividade e tempo. Alude, pois, o cientista político, à temporalidade específica da existência e da experiência, àquela da inserção das sociedades africanas no presente do mundo.

Sua busca investigativa articula política com a criação de uma escrita, de um mapa congregador de linguagens e dimensões de saber:

A política da vida, quer dizer, as condições de possibilidade do sujeito africano “aprender a si mesmo”, de exercer sobre si sua soberania e encontrar nessa relação consigo a plenitude de sua felicidade [...] colocar a questão nesses termos indica a preocupação de não ceder ao mundo da forma como está. Mas, contrariamente ao compasso corriqueiro da teoria pós-

25. *Idem*, p. xv.

26. *Idem*, p. xi.

27. *Idem*, p. 19.

28. *Idem*, *ibidem*.

-colonial, não me rendo ao solipsismo do logos ocidental senão para melhor abrir a via à crítica de si e ao pensamento da responsabilidade.

[...]

Estou em busca de uma escrita que conduza o leitor ao encontro com o seu sentido próprio. Esses encontros não me interessam a não ser pelo que têm de fragmentário, evanescente, despedaçado, falho. Trata-se de encontros com zonas sobrecarregadas da memória e do presente africanos, assim como de regiões do conhecimento que não se ramificam nas ciências sociais clássicas: a filosofia, as artes, a música, a religião, a literatura, a psicanálise.

*Essa escrita está estreitamente ligada a uma maneira de ler. E, notadamente, de ler a vida cotidiana, esse lugar privilegiado onde o sujeito faz a experiência de sua história*²⁹.

A contar de algumas poéticas aqui em destaque, outra tópica se desdobra, tendo o elo com o contexto e a história um ponto de lançamento para a perspectiva interdiscursiva, multidisciplinar, buscada, concomitantemente, no campo teórico e naquele mais preciso da Literatura Comparada. A discussão suscitada por Rita Schmidt, em seu artigo “Estado Indisciplinar: Transformações e Permanência do Comparatismo”, traz à tona premissas formadoras do que antes se compreendia como disciplina encerrada no diálogo entre literaturas – desde a formulação da *Weltliteratur* goethiana, sob um prisma eurocêntrico –, passando, na segunda metade do século XX, para o dimensionamento intercultural (assinalado de modo eficaz e produtor por Earl Miner), até ganhar sua feição mais expandida, tal como a estudiosa bem situa na atualidade.

Exatamente por frisar, de um modo tanto pontual quanto abrangente, a força operacional contida no trabalho comparativista, atendo-se no espaço latino-americano à constelação das

“geografias simbólicas transnacionais e comunidades intertextuais que desafiam a noção de historiografia única”³⁰, o campo múltiplo, coletivo, das forças componentes da conjuntura global ganham um peculiar acento. Irrompe o devir da socialidade sob o influxo de um repertório elasticado de linguagens, registros, documentos, redefinições de livro/escrita, culturalmente surgidos de diferentes suportes e âmbitos do saber.

Importante se revela a elaboração de cartografias críticas, diagramas e analíticas da cultura no sentido mais ampliado, inter-relacionado, histórias da teoria em toda sua complexidade e diversidade conceituais. Em lugar dos “estudos culturais” sistematizados num domínio monoliticamente enfeixado em nome da *disciplinarização da diferença*, assiste-se à gradativa insurgência transdisciplinar. No interior de um Estado Disciplinar, as várias áreas do conhecimento se segmentam. De dentro de estratificadas linhas de pesquisa, é que o comparatismo vem extraindo seus instrumentos de atuação e análise, não tanto de uma indisciplinaridade (como reflete Schmidt). Não foi suficientemente forte o caráter multiplicador de forças e fontes de pesquisa, tantas vezes anunciado, teorizado, mas parcializado, a contar do que se definiu como multiculturalismo.

Quando se observa o despontar de uma cultura cartográfica, no andamento do nomadismo contemporâneo, que pontua o construto/consenso da pauta aparentemente homogeneizadora da globalização econômica, o dado de que a mundialidade se torna atuante por obra de um designio transdisciplinar pode refazer o estado tantas vezes vago e despontencializado das coisas e dos escritos em circulação. Inevitáveis se tornam o mapeamento e o

29. *Idem*, pp. XVI-XVII.

30. Rita Terezinha Schmidt, “Estado Interdisciplinar: Transformações e Permanência do Comparatismo”, em Marilene Weinhardt e Mauricio Mendonça Cardozo (órgs.), *Centro, Centros, Literatura e Literatura Comparada em Discussão*, Curitiba, UFPR, 2012, p. 259.

ativismo teóricos em atenção aos pontos que ligam a cognição à comunidade heterodoxa pós-ocidental, pós-ideológica surgida do pacto entre singularidade e diversidade.

O contexto agora é outro. A transdisciplinaridade são outros atuantes, palavras e seus corpos de coisas móveis, intercambiadas nas vizinhanças de outros universos de conhecimento e criação. O dado da socialidade embutido em cada plano/platô do saber não tem uma única face ou segmento, mas se localiza de forma múltiplamente conjuntural. As identidades, estabilizadas após suas conquistas e a manutenção de seus *fronts*, não ficam sem se contagiar e se reconfigurar ao ritmo de um mapa (histórico-relacional de forças e agenciamentos discursivos, coletivos), que se mostra numa estatura geopolítica, mas é também cartográfico do pensamento e da prática culturais.

Empreender o sentido acionado pela poção de transdisciplinaridade segundo Guattari, se revela irrecusável: *atravessar* a extensão do campo social, que são suas atuações e mudanças operacionais, estratégicas, no compasso de uma variedade de agentes, inseparáveis dos universos de linguagem e conhecimento nos quais exercem seus desempenhos mais plenos.

Não ao acaso, os poetas em análise pontuam *atravessamentos* do espaço literário dentro de tal pulsação relacional. Interessante é ver como Domeneck, por exemplo, ingressa em camadas contíguas à anotação de sua experiência homoerótica, inter-relacionando vivência com o debate sobre mundialidade e técnica, nomadismo transnacionalizado e culturas do corpo. Embalada por uma erótica da escrita, sua produção não se abstém do confronto com áreas as mais heterogêneas de sua realidade criadora, uma vez que sempre referenda um entorno de contingência – nutrido do jogo entre continente/conteúdo (veja-se a série “Poema Começando Quando”) – explicitadamente efêmero, indispensável ao seu projeto tanto

construtivo quanto envolvido pelo aleatório, dentro da dinâmica que ele aponta em direção a um *contexto* apreendido *ao acaso da atenção*.

O contexto é outro agora – uma conjunção *sígnico-enunciativa* composta pela mutação e pelo entrelaçamento de agentes/atuantes discursivos, interventivos, em mais de um domínio disciplinar. Para lá (bem aqui) de uma única causa.

Da mesma forma que não há ser sem linguagem, na leitura feita por Agamben da socialidade em insurgência na quadratura dos projetos contemporâneos da vida em comum, em conjunto, inexistem política e comunidade (política comunitária) com a oclusão do dado agenciador/performativo dos enunciados e empenhos cognitivos que articulam o surgimento do *um qualquer*, componente essencial da sempre nova, já outra, comunidade *que vem*; comunidade dada em curso, em movimento informê, sem meta estável, sem programa a cumprir, impulsionada por propósitos em redefinição e autonomia no momento, num preciso contexto, enquanto vem.

JUNHO 2013 –

Anoto na rota da rua, eletrizado pelas manifestações crescentes de brasileiros de todas as idades, em impensáveis cidades do país, à margem de um texto sobre Literatura Comparada hoje: o antimanifesto gritante “Não temos partido”. Quanto mais avança uma pauta elástica de corpos reunidos, os mais diferentes, sobre o imediato; em atenção a vários tópicos acrescidos a contar do movimento que se forma, enquanto se propaga, não cessa, já vem.

À altura de uma crítica e de uma história culturais, inseparáveis do espectro ampliado das dimensões do saber, das artes e das linguagens contempladas hoje pelo comparatismo, é que as poéticas em língua portuguesa se ressituaam. Não ao acaso, a potência

de um universo de textos conhecido como literatura se mostra com um sentido de ativação indispensável quanto mais surgem e se recompõem as comunidades que escrevem e leem nesse *agora*, sob o influxo dos signos da visibilidade, da instantaneidade e de um reiterado pertencimento ao tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A Comunidade que Vem*. Trad. Antonio Guerreiro. Lisboa, Editorial Presença, 1993.
- _____. *Signatura Rerum – Sobre el Método*. Trad. Flavia Costa e Mercedes Ruvituso. Buenos Aires, Adriana Higaldo, 2008.
- _____. *O Sacramento da Linguagem – Arqueologia do Juramento*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte, UFMG, 2011.
- ARIEL, Marcelo. *Tratado dos Anjos Afogados*. Carapicuíba, Letra Selvagem, 2008.
- BARBOSA, Antonio Rafael. “Humanidade por Excesso e as Linhas de Fuga que se Abrem para o Gueto”. *Sexta Feira*, n. 8, São Paulo, 34, 2006, pp. 9-17. (Periferia)
- CÉSAR, Ana Cristina. *Inéditos e Dispersos*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DIAS, Sousa. *Estética do Conceito. A Filosofia na Era da Comunicação*. Lisboa, Pé de Página, 1998.
- DOMENECK, Ricardo. “Ideologia da Percepção ou Algumas Considerações sobre a Poesia Contemporânea no Brasil”. *Inimigo Rumor*, n. 18. Rio de Janeiro/São Paulo, Viveiros de Castro/Cosac Naify, 2º semestre 2005/1º semestre 2006, pp. 175-216.
- _____. *A Cadela sem Logos*. Rio de Janeiro/São Paulo, 7 Letras/Cosac Naify, 2007.
- FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a Genealogia e a História”. In: *Microfísica do Poder*. Trad. e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1979, pp. 15-37.
- GAILLOT, Michel. *Sens Multiple. La Techno, un laboratoire artistique et politique du présent, avec les entretiens de Jean-Luc Nancy et de Michel Maffesoli*. Paris, Dis Voir, 1998.
- GUATTARI, Félix. “Fundamentos Ético-Políticos da Interdisciplinaridade”. *Tempo Brasileiro*, n. 108, jan.-mar. 1992, pp. 19-25. (Interdisciplinaridade).

- HAYLES, N. Katherine. *Literatura Eletrônica. Novos Horizontes para o Literário*. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo, Global, 2009.
- MBEMBE, Achille. *De la post-colonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*. Paris, Karthala, 2000.
- NANCY, Jean-Luc. *The Birth to Presence*. Trad. Brian Holmes et al. Stanford, Stanford University Press, 1993.
- _____. *Corpus*. Trad. Tomás Maia. Lisboa, Vega, 2000.
- PELBART, Peter Pál. *Vida Capital. Ensaio de Biopolítica*. São Paulo, Iluminuras, 2003.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Estado Indisciplinar: Transformações e Permanência do Comparatismo”. In WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Maurício Mendonça (org). *Centro, Centros, Literatura e Literatura Comparada em Discussão*. Curitiba, UFPR, 2012, pp. 251-269.
- VÁRIO, João. *Exemplos. Livro 9. Exemplo Coevo*. Praia, Cabo Verde, Spleen, 2000.